

cultural

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Dezembro 2013 – Nº 253

Triste Fim de Policarpo

Humberto Migliaro

Policarpo era um nacionalista, desses que cantam o Hino Nacional no estádio com a mão no peito e tiram o chapéu quando passam por uma bandeira brasileira. Nasceria em berço pobre, optara pela vida na cidade grande, expulso do campo pela seca, pela fome e pela miséria; enfrentou no pau de arara o solavanco das estradas de chão.

Chegou ainda moço, sozinho. Na estação, apalpou os bolsos, seu dinheirinho não iria além de uma semana. Tinha força de vontade, lutara contra todas as dificuldades em seu pedaço de chão, fora vencido pela desatendida estiagem prolongada, mas jurara derrotar as carências que o haviam empurrado à capital; certamente venceria, não tinha dúvidas.

Olhou ao redor, tomou o primeiro ônibus, desceu no ponto final, começou a indagar sobre trabalho e um teto para se abrigar. Não tinha preguiça, nem vergonha de pedir serviço, por mais simples que fosse. Instalou-se em uma pensão da periferia e foi rodando empregos, em que labutava horas a fio, sem descanso, sem final de jornada, sem garantias ou privilégios trabalhistas.

Tratou de vencer, esse era o desafio, e casou-se com conterrânea que encontrara na padaria em que trabalhava. Da padaria à lojinha, ao escritório, onde se firmou e conquistou a confiança dos patrões e colegas. Não tinha hora para nada, a tudo se acomodava, queria crescer na pátria que o fizera nascer. Fez cursos noturnos, as primeiras letras, os números, as escritas, os cursos foram se multiplicando. Não tinha muito tempo para os estudos, mas em sua trajetória foi acrescentando saberes e conhecimentos. Não fora muito longe, mas progredira. Já maduro, gerou dois filhos,

comprou terreno perto do ponto de ônibus e foi construindo sua casinha aos poucos, com as economias do mingualdo salário.

Casa aprontada, mudou-se com a mulher costureira e os dois filhos, um menino e uma menina. Estes, sim, seriam alguém, teriam tudo o que sonhara para si. Estudariam, fariam universidade, seriam cultos e gozariam todos os prazeres que o saber dispensa aos devotados.

Aposentado, montou com a patroa um pequeno negócio, coisa de gente simples, mas acrescentaria uma folga no rigoroso orçamento familiar. A mulher não somara tempo de contribuição, fazia trabalhos de costura sem emprego fixo, sem garantias para o futuro. Mas, no pequeno negócio, iriam melhorar, seus filhos seriam criados com o bom e o melhor, seriam gente fina, culta, inteligente, vencedores na luta da vida.

De noite, luz apagada, Policarpo sonhava acordado, imaginava o futuro dos meninos, gente de primeira, criando família, vencendo na vida, respeitados, iguais aos heróis das histórias dos poucos livros da estante. Mas eles seriam diferentes, teriam tudo o que precisariam para crescer como pessoas do bem. Policarpo e a esposa andavam malvestidos, mas livros clássicos, enciclopédias, discos de bons compositores eruditos e populares não faltavam aos filhos. Seriam bem de vida, casariam com parceiros maravilhosos, constituiriam famílias felizes, viveriam na cultura e no bem, no país que abençoava seu povo. Uma nação, dizia Policarpo, é a soma de todos os cidadãos, amem este solo, orgulhem-se da nossa bandeira, abriguem-se sob as asas da pátria de todos.



Disponível em: <http://grupolunacamigos.blogspot.com.br/2013_09_01_archive.html>.

As coisas não caminharam exatamente como nos sonhos, tristezas foram surgindo, aos poucos, mas a confiança em dias melhores tornava sua vida um castelo de esperanças. Na sua vizinhança, na periferia foram surgindo barracos e as noites se tornaram desafios ao caminhar para casa. Mas era coisa superável, logo as autoridades iriam desalojar os invasores e restabelecer a ordem nas ruas do bairro. Não sucedeu bem assim. Ao contrário, os governantes foram cedendo terrenos aos invasores, os policiais se envolviam com os marginais, o risco aumentava gradativamente. O silêncio das madrugadas foi substituído pelos ruídos de cantar de pneus, de gritarias, algazarras, palavrões, sibilos e estampidos de tiros.

Os filhos não evoluíam favoravelmente na escola pública, nem sempre havia aula, os mestres se queixavam de salários, diretores perdidos, alunos desmotivados, quadrilhas nos pátios, drogas eram oferecidas e consumidas ali mesmo.

O rapazinho não trabalhava, ficava pelas esquinas até altas horas. Nos finais de semana, jamais ouvia o som dos clássicos presenteados pelo pai. Gostava de músicas e danças obscenas e frequentava bailes onde tudo era permitido. Tinha parceiras ocasionais, que bebiam, fumavam, usavam trajes provocantes, falavam linguagem incompreensível, riam alto, muito alto, e nas rodinhas tudo rolava, como se dizia.

A filha abandonara a escola, buscava a vida nas agências de modelo. Igual ao irmão, falava alto e tinha palavrado

chulo. Não era ainda maior de idade quando apresentou a companheira e se mudou com ela para um apartamento no centro da cidade.

Os negócios fracassaram, Policarpo teve que encerrar a microempresa e fazer empréstimos consignados que corroíam o orçamento familiar a perder de vista. Viu na TV o povo descontente, fazendo passeatas, desafiando o poder. Ele não era desse tipo, era um nacionalista, um patriota, o Brasil e sua presidente em primeiro lugar. Voltando do estádio, o ônibus foi cercado por manifestantes, que atearam fogo ao coletivo. As chamas, os gritos, a correria... caiu na rua e foi conduzido ao hospital público.

Diferente do xará, por Lima Barreto, não pretendia o tupi-guarani como língua oficial, as saúvas não lhe corroeram as lavouras, não se internou em hospício. Tombou no corredor infecto depois de alguns dias de espera. O patriotismo era o traço comum, os sonhos viraram pesadelo, a vida desandou, os filhos não vingaram.

Após o carnaval do estádio, a quaresma. Envolto na bandeira na imundice do hospital, suspirou e expirou:

Triste fim de Policarpo.

Humberto Migiolaro

Ginecologista e obstetra formado pela Faculdade de Medicina da UNESP de Botucatu, em sua primeira turma, 1968

A paixão proibida entre Lancelot e Guinevere

João Guidugli Neto

Na lenda de Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda, há um envolvimento importante entre Lancelot e a rainha Guinevere, pouco explicado na própria lenda. Guinevere (ou Gwen) ainda era bem moça quando se casou. Foi aceita pelo rei, que nem mesmo a conhecia, mais por causa do seu dote do que por qualquer outra coisa. Gwen trazia consigo 100 cavalos de guerra pesados e 100 soldados para montá-los. Arthur encantou-se ao vê-la, mas o coração de Gwen já era de Lancelot do Lago.

Gwen teve dias felizes em Camelot e em Tintagel, mas o seu amor proibido fazia com que uma angústia enorme acompanhasse a rainha da Bretanha. Não era tão boazinha quanto parecia: tornou-se uma mulher fria, calculista e vingativa; deu forças para que Morgana, sua rival, se casasse com um velho rei e fez com que Lancelot tomasse ódio por ela, de quem tinha muito ciúme. Muito católica, a rainha fez com que Arthur trocasse a bandeira do Pendragon pela cruz do Cristianismo e, com isso, criou o início da decadência do reinado do seu marido.

A figura da rainha é retratada como a mulher que se impõe num regime em que não tem voz. Guinevere e Morgana formam a espinha dorsal da trama e desencadeiam todas as histórias que acontecem no reino. Guinevere é exilada mais tarde por Arthur, devido a sua vida “indigna” com Lancelot.

Lancelot era filho de Viviane. Era o melhor guerreiro da Távola Redonda e o Mestre de Armas de Arthur. Mantinha vínculos com Avalon e sempre que podia visitava sua mãe, porém não seguia nenhuma das duas religiões da época (Católica e Wicca). Era apaixonado por Guinevere, antes mesmo de ela se tornar rainha. Lancelot era o mais valioso guerreiro do rei e o mais hábil domador de cavalos selvagens. Casou-se tarde, com a filha do rei Pelinore, e afastou-

se um pouco do reino de Camelot e da rainha Guinevere, com quem mantinha encontros furtivos e a quem realmente pertencia o seu coração. O seu romance foi descoberto pelos cavaleiros da Távola Redonda, e ele foi expulso do reino de Arthur e nunca mais voltou. Lancelot morreu velho no reino de seu sogro.

Morgana também era apaixonada por Lancelot, mas este nunca a quis por ela ser sua prima e talvez por ver em Morgana a imagem de sua mãe, Viviane.

Há um evidente paralelismo entre essa lenda e a de Tristan e Isolde. Esta última lenda medieval foi narrada por Gottfried von Strassburg e revivida em ópera por Richard W. Wagner. Embora seus personagens tivessem sido permeados por um filtro de amor, em ambos os mitos há o envolvimento do protetor e da protegida, que virá a ser rainha.

Não há outros paralelismos como esses na vida?

João Guidugli Neto

*Doutor em Medicina, Escola Paulista de Medicina;
Professor livre-docente e ex-Professor Titular de Patologia
Geral da Faculdade de Odontologia da USP*

Sessenta e oito anos de idade

Evandro Guimarães de Sousa

Completei 68 anos. E agora? O que há de especial nesse número? Pensei em seguida. Aí, lembrei-me do que aconteceu durante o ano de 1968. Eu cursava o quinto ano de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, em Belo Horizonte, e alguns fatos marcantes ocorreram no período, tais como: a Guerra do Vietnã; a passeata dos cem mil no Rio de Janeiro; a revolução iniciada por estudantes da Universidade de Paris que evoluiu para uma greve geral na França; e o AI-5, que deu plenos poderes para o Governo Militar, cuja primeira consequência foi o fechamento do Congresso Nacional por quase um ano.

Considerando o exposto, mais uma vez questiono: o que há de interessante para mim nessa idade? De acordo com o Estatuto do Idoso, no Brasil, todo indivíduo com 60 anos de idade ou mais recebe o privilégio de atendimento preferencial imediato e individualizado em órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população. Aos maiores de 65 anos, está assegurada a gratuidade nos transportes coletivos públicos. Todos esses benefícios eu já consegui, e daí? O que há de particular nessa idade? Nada, descobri! Entretanto, com 69, as coisas mudariam de figura. Senão, vejamos. Vários acontecimentos ocorreram em 1969. Em primeiro lugar, eu me formei em Medicina naquele ano. Foi enviada a primeira mensagem pela ARPANET, considerada a precursora da Internet; Neil Armstrong foi o primeiro homem a pisar na lua e realizou-se o Festival de Woodstock nos Estados Unidos, o maior evento de *rock and roll* de todos os tempos. Portanto, o referido número possui seu *glamour*. Quem não se recorda do uísque Vat 69 ou, então, do que representa esse número como indicativo de carícias íntimas?

É evidente que não quero e não desejo antecipar a minha idade, pois, nesta fase da vida, até os minutos são importantes para serem aproveitados. No entanto, acho que faltou no referido Estatuto uma classificação para orientar os mais vividos. Então, proponho a seguinte modificação:

— Dos 50 aos 60 anos: todos deveriam ser considerados adolescentes da terceira idade, pois são aspirantes ao registro como idosos.



— Dos 61 aos 70: estariam na melhor idade. Aposentarse, viajar mais, curtir a família, em especial, os netos.

— Dos 71 aos 80 anos: ainda em forma. O melhor é ficar mais atento aos conselhos e orientações médicas. Aproveitar a vida.

— Dos 81 aos 90 anos: ainda vivos e produtivos. Entretanto, cautela! O embarque poderá ser imediato.

— Dos 91 aos 100 anos: prazo de validade vencida, talvez já tenham ido e ninguém se lembrou de avisá-los.

Pois é, como não há certeza do que acontecerá no futuro, recomendo aproveitar muito cada dia depois do outro. Enfim, viver intensamente, porque tenho dúvidas se haverá *videotape* ou reprise do vale a pena ver de novo dessa nossa existência!

Saudações geriátricas.

Evandro Guimarães de Sousa
Pneumologista em São Paulo

Temporada de enfermaria do retirante catador de latinhas

Bruna Del'Acqua Cassão

Arary da Cruz Tiriba

Bom? Morar na fazenda com os avós maternos? Viver no campo, junto à criação de gado e aves de terreiro, aroma de capim, cardápio de milho, feijão, arroz, mandioca, ovo de codorna, sopa — beterraba, repolho —, pão preto, vinho colonial... Fresquinhos, tudo ao natural!

Até os 10 anos seu pequeno mundo. Hoje, 38 já cumpridos; na aparência, não mais do que 30; simpático, extrovertido, bom-papo, interação excelente, saudável na aparência, espargindo felicidade, muito à vontade, sem se intimidar nem um pouco com a roda de incrédulos doutorandos e de residentes de medicina. Pronta resposta ao questionário; perguntas para tantos — íntimas, embaraçosas —, não para ele. Insatisfação, apenas, por não desfrutar do cigarro de palha.

Retratado o retirante! Banido pela seca? Qual! O neto de poloneses deixou para trás o próspero sudoeste do Paraná aos 10 anos! Adeus ao polo de produção avícola, o frango da Sadia! Daí para permanências transitórias... Curitiba, Foz do Iguaçu, Mato Grosso, Goiás, Santa Catarina... Até adquirir cidadania pauliceense — domicílio: via pública —, há 13 anos.

— Por que São Paulo?

Sem hesitação:

— *Fascinação! Adesão à república nova, Cracolândia Já! Incorporação a tribo. Direito à cocaína, crack..., oral..., inalatória..., por agulha... Novas drogas!*

Sonho realizado. Novo capítulo. Morador de rua assu-mido, carrocinha — tração humana —, para catar trastes e latinhas. Capital de giro? Não. “Giro de capitalização” para adquirir a essência da vida.

Expandiu a territorialidade. Da Luz para Lapa, Barra Funda, Pinheiros, Vila Mariana, Moema.

Por que a seleção desses distritos?

— *Onde se vive bem, pessoas mais atenciosas nesses bairros!* [Sociólogo das calçadas urbanas.]

— *Tomo banho no albergue da Lapa onde corto a barba e troco de roupa uma vez por semana. Assisto à Missa dos moradores de rua*

todas as sextas-feiras. Não sinto falta da família. Compareço diariamente à Cracolândia. E sou positivo! Não mudo de vida. Não aceito deixar a droga.

Comunicação: interlocução fluente, sem embaraço, bom humor, sorridente, em contraste com o somatório mórbido. Quer saber?

SIDA há 24 anos! Em parceria: *plus* tuberculose disseminada! *plus* neurotoxoplasmose! *plus* dermatofitose!

— *Adquiri tuberculose na Cracolândia. Lá está cheio. Gente morrendo disso...*

Ah! esplenectomizado há 3 anos por espancamento dos *Billies!*

— *Me tratou mal eu reajo na hora, sou galo de briga, igual à rinha da terra onde nasci.* [Explicado como teve estourado o baço, e quebrados: costelas, mão, braço, clavícula]

É tudo?! No aguardo do laboratório de infectologia para adição de outros tantos males...

Perguntado ao neto de poloneses se admirava certo compositor [“*Chopen*”, como se pronuncia no solo ancestral, “*Chopan*”, *comme se parle en France*] autor de sonatas e marcha... [Psiu! baixinho pra não adverti-lo!] marcha... f-ú-n-e-b-r-e...

Entusiástica resposta:

— *Meu avô sempre falava desse nome parecido com chope. Eu também gosto! Demais da música! Tônico e Tinoco! Música sertaneja!*¹...

¹ Autora pincelou com traços fortes o modelo. O autor apenas colocou o quadro na moldura; assinala que também gosta da sertaneja (Menino da Porteira, Sérgio Reis).

Bruna Del'Acqua Cassão

Interno(a) da Disciplina de Doenças Infeciosas e Parasitárias do Departamento de Medicina da UNIFESP/EPM

Arary da Cruz Tiriba

Professor Titular aposentado, em atuação voluntária na UNIFESP/EPM

Estória a quatro mãos e duas cabeças

Caetano Lagrasta

ao Milton Gontijo

O Roseiral está coberto de tênue cortina nevoenta; carregado de orvalho. Algumas rosas despétalam-se, fragorosamente: o que ontem fora belo e perfumado, hoje não passa de carcaça podre a se decompor.

A jovem corre pelo roseiral, embevecida com a beleza que, às vezes, arranca-lhe lágrimas. O belo rosto, emoldurado por longos e sedosos cabelos loiros, contrasta com o corpo frágil. Um tecido leve envolve-a, sem esconder as curvas e os seios nascentes; advinha-se, através da transparência, gozos impossíveis.

Num canto do jardim, ouve-se o rressonar de um mendigo. Ele desperta enregelado, orvalhado; olha o céu baço, enquanto coça a cabeça e os braços. A consciência devolve-

-lhe a noção de nevoeiro e conclui: o dia será esplêndido, não choverá. Permanece deitado, o perfume excessivo das rosas provoca-lhe violento acesso de espirros. Senta-se e distingue com dificuldade a enorme borboleta que avança; esfrega os olhos e tenta enxergar a realidade. Levanta-se; a jovem se aproxima, respeitosamente. Mascara-se de pedinte, passa as mãos imundas nos cabelos ensebados. O rosto adquire um esgar postiço. Pressente que a ninfa possui bons sentimentos: enxerga no rosto corado os segredos da caridade e do amor. Sente-se seguro: a fome é mais instinto que o desejo. Evita olhar para os seios, ancas, sexo — apenas uma sombra, entre as pernas. Fixa-se no rosto: lábios vermelhos (sente ganas de morder); afagar os cabelos; beijar os olhos azuis, tépidos. Afasta os pensamentos e espera suplicante — o estômago não respeita o instante e ronca ruidosamente.

Ela quer fazê-lo feliz, hesita; suas mãos apertam nervosamente a rosa; decide-se; entrega-a ao mendigo, aguardando, em silêncio, o gesto de gratidão.

O mendigo estende as mãos, ávido: esboça torpe reverência e leva a rosa à boca, mastigando-a, com a obscenidade característica das gengivas desdentadas.

Caetano Lagrasta (in *1968 e outras estórias*. Brasília: LeCalmon, 2013).



Disponível em: <<http://www.valeriodefogo.blogspot.com.br/2008/07/cantinho-do-conto-roseira.html>>.

Caetano Lagrasta

Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo

Queixumes de Mulher

Antonio J. Amadi

Mulher quisera ser em plenitude,
senhora de desejos, fantasias
e então, nesse arcabouço de alegrias,
da libido saber a latitude.

Quisera no prazer solicitude,
não ser peça de másculas orgias,
de relações mecânicas, vazias,
qual boneca inflável no amiúde.

Do que gosto sei bem e o que anseio,
quanto quero opinar sem ser tolhida,
o que no sexo espero em alvoroço.

Chega de leis de macho frio, alheio,
que — feliz de sua parte resolvida —
ignora enfim que seu de carne e osso!

Meu Verso

Ives Gandra da Silva Martins

Para Ruth

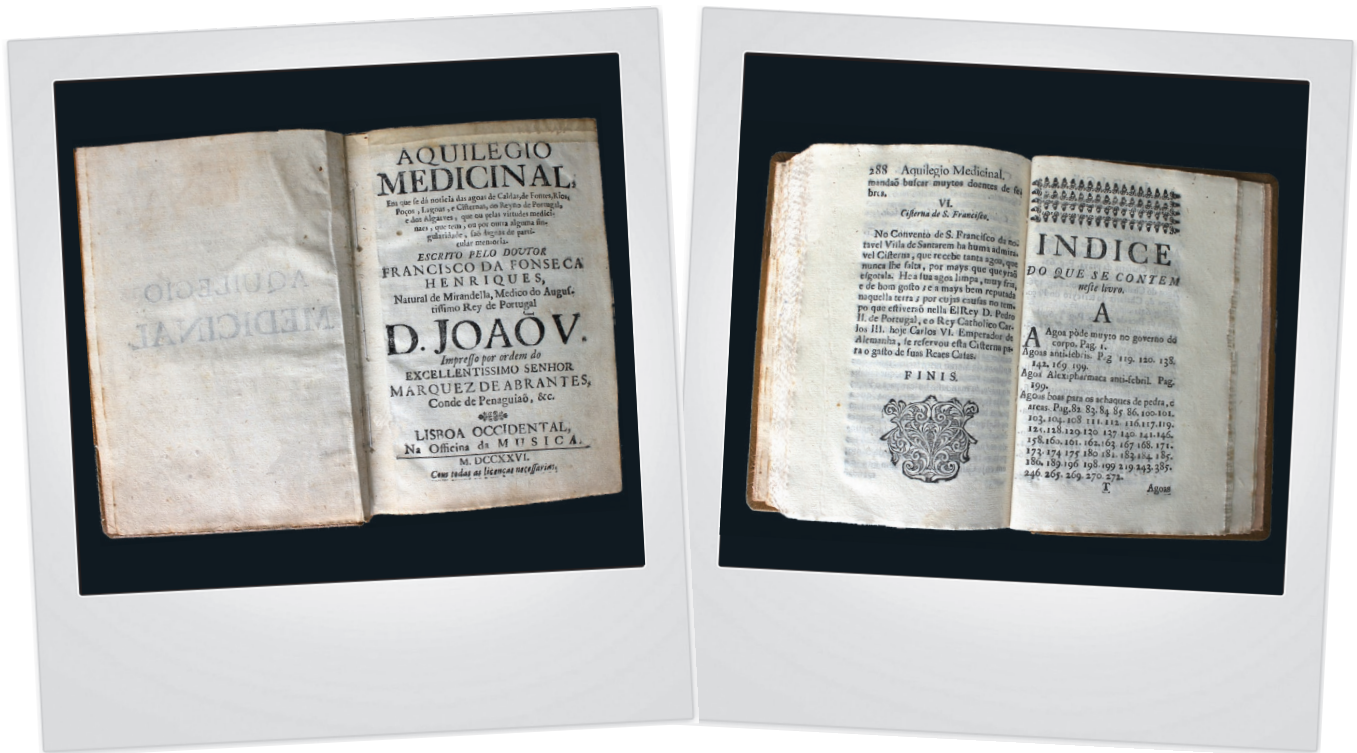
Meu verso é o pobre sopro derradeiro
do que resta de minha fantasia.
Foi, no espaço, colheita e foi celeiro
da verdade que nunca me fugia.

Inspirado na sombra de meu dia,
tornava-se, na noite, canto inteiro,
um tempo que parava e não corria,
astro estancado em sideral vespeiro.

Meu verso inda sussurra o som primeiro,
que mal desvenda a permanente via,
fazendo-se, na estrada, o caminheiro,

roto, desfeito, trêmulo e sem guia,
que procura seu sopro derradeiro
no que resta de minha fantasia.

Coluna do livro



Aquilegio Medicinal

Interessante e raro livro, escrito por Francisco da Fonseca Henriques, médico do Rei de Portugal, D. João V, publicado em 1726, na Officina da Musica, Lisboa Occidental, 230 páginas, capa *circa* dos anos 1960, em pleno couro.

Trata-se de estudo medicinal sobre as virtudes das águas. O autor diz que “todas as agoas na sua primeyra origem são igualmente boas e puras, mas pela differença dos lugares por onde correm, e por onde nascem, humas se fazem impuras, e ingratas, humas são frias, outras quentes, humas são nocivas, e outras medicinais. Destas últimas havemos de tratar nesta obra, não de todas as que ha em diversas Regiões do Universo, mas das que se acham no Reyno de

Portugal e dos Algarves”. São sete divisões: Das caldas; Das fontes quentes; Das fontes frias; Dos rios; Dos poços; e Das cisternas. Interessante notar que, no final do livro, há um índice com as propriedades medicinais das águas, por exemplo, “agoas para lombrigas; agoa que cura lepra; agoa que coalha o sangue; agoa para os animais inchados; agoa que lubrica o ventre; agoa para fazer sair as sanguexugas que entrão pela boca; agoa para gaseyra dos gados” e outras mais.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da APM

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nílceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.